



RELICI

EDITORIAL

QUANDO A GENTE PARA DE PROCURAR, A GENTE ENCONTRA O QUE PROCURA OU O CINEMA BRASILEIRO NAS MEMÓRIAS DE ZUENIR VENTURA¹

*WHEN WE STOP LOOKING, WE FIND WHAT THEY ARE LOOKING FOR OR
BRAZILIAN CINEMA IN THE MEMORIES OF ZUENIR VENTURA*

Fernando Antonio Prado Gimenez²

Há cerca de seis anos, passava férias em casa de minha irmã em São Francisco do Sul. Era janeiro de 2018. Entre os livros em uma das estantes da casa, *Minhas Histórias dos Outros* de Zuenir Ventura me chamou a atenção. Na contracapa do livro, descobri que era um livro de memórias: *Este livro traz o testemunho de Zuenir Ventura, um dos mais brilhantes jornalistas de nosso tempo, sobre um período que vai do final dos anos 50, quando publica suas primeiras reportagens, até os dias de hoje*. Como foi publicado em 2005, as histórias e lembranças narradas no livro abarcam pouco mais de meio século da vida do autor.

Em 2018, não pude ler o livro todo. Porém, entre o que li, a seção *Glauber em três tempos*, composta por três textos sobre o cineasta brasileiro Glauber Rocha me agradou profundamente. E, após sua leitura, tive uma ideia ligada à Revista Livre de Cinema (RELICI). No começo de 2014, eu criara a RELICI enquanto cursava uma especialização em cinema na Universidade Tuiuti, localizada em Curitiba, Paraná. A RELICI é publicada de forma independente e ininterrupta desde então. Por sugestão

¹ doi.org/10.5281/zenodo.10464789

² Universidade Federal do Paraná. fapgimenez@gmail.com



RELICI

de um dos meus professores no curso, José Gatti, no terceiro número que completava o segundo volume da RELICI, criei uma seção para textos menos acadêmicos que pudessem dar um diferencial à RELICI. Denominei esta como *Primeira Sessão*, com a ideia de que esta seção de textos a serem publicados na RELICI se tornasse permanente. O texto que inaugurou a *Primeira Sessão* foi de autoria do Professor José Gatti com o título *Glauber Vive*, publicado em novembro de 2015. No entanto, não consegui manter a regularidade da *Primeira Sessão* ao longo dos anos e interrompi sua publicação a partir do segundo número de 2017.

Assim, com o final das férias em São Francisco do Sul, em 2018, retornei a Curitiba e tentei contactar Zuenir Ventura, por correio eletrônico, pedindo autorização para publicar os três textos sobre Glauber Rocha nas próximas edições da RELICI que, à época, entrava no seu quinto volume. Desejava, com os textos do jornalista, retomar a *Primeira Sessão*. Infelizmente, nunca obtive resposta. É muito provável que minha mensagem não tenha alcançado o destinatário.

Corta para a última semana de dezembro de 2023. Mais uma vez, férias em casa de minha irmã. De novo, ao olhar em direção às estantes de livros, reencontro o livro de Zuenir Ventura. Dias depois, concluída a leitura de outro livro que trouxera na bagagem, decido reler as partes já lidas e concluir a leitura de *Minhas Histórias dos Outros*. Logo nas primeiras memórias, surgem nomes do cinema brasileiro. O próprio Glauber é mencionado já n' *Apresentação*, enquanto o Cinema Novo, Walter Lima Jr. e Joaquim Pedro de Andrade surgem nas memórias iniciais. De repente, me vem a solução para um problema que buscava resolver há dias: a escrita deste editorial. Vários temas já tinham me ocorrido durante dezembro, mas nenhum atrativo o suficiente para me colocar frente ao *notebook*. Assim, como não obtive autorização para publicar os textos de Zuenir Ventura na *Primeira Sessão*, por que não falar da presença do cinema nas memórias do jornalista? É o que passo a fazer neste editorial.



RELICI

Como mencionei, Glauber Rocha, Walter Lima Jr. e Joaquim Pedro de Andrade foram as primeiras menções ligadas ao cinema brasileiro mencionadas no livro. De Glauber Rocha tratarei logo mais. Quanto a Walter Lima Jr. este é mencionado em *Como se pega um vírus*, em que Zuenir Ventura conta sobre sua estreia no jornalismo e seu convívio com Ely Azeredo *ensinando crítica de cinema a dois jovens – ao futuro crítico Sérgio Augusto e ao futuro cineasta Walter Lima Jr (Menino de engenho, A ostra e o vento)* (p. 33-34). Por outro lado, Joaquim Pedro de Andrade surge em *Volta do umbigo feminino*, em que Zuenir Ventura relembra a primeira crônica que escreveu publicada em 1961 na revista *Senhor*. Nessa época ele estava na França, assim como o cineasta que, junto com outros, eram, no dizer de Zuenir Ventura, inseparáveis. Em *De Gaulle e seus momentos*, Zuenir Ventura completa a informação sobre a amizade com o cineasta:

Na Casa do Brasil, uma confortável construção de Lúcio Costa, eu ocupava o apartamento 309 e tinha como vizinho no 306 Joaquim Pedro que ainda não era o importante diretor de *Macunaíma* e *O padre e a moça*, mas já tinha feito três insuperáveis documentários: O poeta do Castelo sobre Manuel Bandeira, O mestre de Apipucos sobre Gilberto Freyre e *Couro de gato*, episódio de *Cinco vezes favela* (p. 48).

Como comentei acima, logo na apresentação do livro, Zuenir Ventura mencionou Glauber Rocha. Descrevendo a estrutura do livro e seus capítulos, o jornalista registrou: *O que trata de Glauber Rocha, por exemplo, inclui fatos que ocorreram entre os anos 60 e 90, já depois de sua morte, quando fiz pesquisas para uma biografia que não cheguei a escrever* (p.14-15).

Agrupados em uma seção – *Glauber em três tempos* – os capítulos *Gênio da raça*, *O guru do guru* e *Agonia e morte* trazem informações preciosas para uma compreensão, ainda que fragmentada, da importância histórica de Glauber para o Cinema e a Cultura no Brasil. O primeiro se inicia com a participação de Glauber Rocha em maio de 1964 no XVIII Festival de Cinema de Cannes e termina com



RELICI

comentários de Zuenir Ventura sobre a polêmica entrevista de Glauber, dada ao próprio Zuenir, por carta datilografada, com um detalhe apontado pelo jornalista (a palavra *Publique* manuscrita por Glauber ao final do documento), que acabou conduzindo-o a publicar a entrevista em uma edição especial da Revista Visão sobre *os primeiros dez anos do golpe – ou da “Revolução de 64”, como era mais conveniente dizer* (p.68). Entre os muitos pontos polêmicos da entrevista publicada estavam as frases:

- _ Acho que Geisel tem tudo na mão para fazer do Brasil um país forte, justo e livre (p. 71).
- _ Para surpresa geral, li, entendi e acho o general Golbery um gênio; o mais alto da raça, ao lado do professor Darcy [Ribeiro, ex-chefe da Casa Civil de Jango então no exílio (p. 72)].

No segundo texto sobre Glauber, Zuenir Ventura narra sobre o período da Revolução dos Cravos em Portugal, quando Glauber viajou para Lisboa para acompanhar de perto o movimento. Nesse capítulo, o jornalista traz as peripécias de uma noite em que Glauber o levou *para um descarrego* (p. 76) com um guru brasileiro vestido à moda oriental. Por fim, o terceiro capítulo trata do adoecimento, morte e velório de Glauber entre fevereiro e agosto de 1981. É nesse capítulo que Zuenir Ventura conta sobre o plano frustrado de escrever uma biografia de Glauber quando todas as informações que havia coletado em várias viagens a Lisboa *e mais descrição dos personagens, impressões, opiniões, constavam de dois cadernos deixados dentro de um carro que foi roubado em frente à casa de uma amiga, no Rio* (p. 80). Apesar de muitos esforços, inclusive publicando anúncios nas páginas policiais de jornais, Zuenir Ventura nunca conseguiu recuperar a documentação fruto de dez anos de investigação.

Ao longo desses três capítulos, outros cineastas brasileiros se fizeram presentes nas histórias narradas por Zuenir Ventura. Foi o caso de Nelson Pereira



RELICI

dos Santos³ que, por um motivo de desarranjo intestinal de Glauber, deu a entrevista coletiva no lugar de Glauber após a exibição de *Deus e o diabo na terra do sol*, e também levava seu *Vidas Secas* para Cannes naquele ano. E de Cacá Diegues⁴ que também estava presente nesta edição do Festival de Cannes com *Ganga Zumba*. Zuenir mencionou também *Os inconfidentes* de Joaquim Pedro de Andrade, e *São Bernardo* de Leon Hirszman, comentando que ambos, no final de 1973, faziam parte de alguns *indícios esparsos sugerindo mudanças de atitude no final de 73* (p. 70) e *eram provas de resistência ativa* (p. 74). Ainda, no último texto sobre Glauber são mencionadas as presenças de Luís Carlos Barreto e Gustavo Dahl que causaram momentos engraçados no velório e enterro de Glauber, segundo Zuenir Ventura:

Ao ver o caixão sendo levado por uma Kombi preta, fechada, Luís Carlos Barreto correu e gritou: “Pára aí, Glauber vai ficar puto da vida”. Gustavo Dahl, outro dos numerosos cineastas presentes, apoiou: “Deixa ele ir pegando sol”. O caixão foi então passado para uma caminhonete aberta (p. 86-87).

Enfim, são três capítulos carregados de fatos, alguns curiosos, outros divertidos e, ainda outros dolorosos que ajudam a compreender a importância de Glauber para o cinema brasileiro.

Leon Hirszman também é mencionado, *en passant*, no texto *Perdão para todos*, como um dos participantes do I Ciclo de Debates da Cultura contemporânea que ocorreu entre sete de abril e 26 de maio de 1965, um ano após o golpe de 1964. Zuenir Ventura menciona um texto escrito e lido por ele em nome dos organizadores no último dia do ciclo, em que destacou dois trechos:

³ No texto *Se meu gravador falasse*, Zuenir Ventura rememora o episódio em que, mesmo tendo usado dois gravadores, não conseguiu registrar uma entrevista com o cineasta Nelson Pereira dos Santos, e teve que refazê-la toda dias depois.

⁴ No texto *Bumbum e carteira do PCB*, ao comentar sobre o ano de 1985, com os primeiros passos para a retomada da democracia, Zuenir Ventura lembra da célebre denúncia sobre “patrulhas ideológicas” feita por Cacá Diegues, que causou muita polêmica à época como crítica a setores da esquerda brasileira..



RELICI

Poucas vezes um teatro no Brasil terá reunido tanta gente durante tanto tempo para assistir a um espetáculo que era a própria negação do espetáculo: sem recursos cênicos, sem efeitos sonoros e sem jogos de luz, foram apresentados nesse palco apenas duas velhas e surradas atrações – as palavras e as ideias. E, graças a isso, com um resultado que dá para pensar.

O balanço deste ato de corajosa humildade não é alentador. Por ele vimos que, além dos problemas particulares, o *cinema*, o teatro, as artes plásticas, a televisão, o jornalismo, a literatura, a publicidade, a música estão apagados por dois cerceamentos comuns: de um lado a *censura*; de outro, a *desnacionalização* crescente de nossa produção artística. A nossa cultura, hoje, ou fala com dificuldade ou fala com sotaque. Num esforço desesperado, dá voltas, faz contornos, finge que diz mas não diz e acaba quase sempre voltando para as gavetas dos seus criadores, quando não é cortada e emasculada (p. 95).

No divertido texto *Um verão colorido*, Zuenir Ventura comenta sobre o famoso “*verão da abertura*”, de 79/80 (p. 117) e aborda o episódio da tanga de crochê usada por Fernando Gabeira em Ipanema e o surgimento da “*amizade colorida*” que para o jornalista, foi *uma despedida do engajamento afetivo e uma retomada da revolução sexual da geração de 68... e pode ter sido o precursor da modalidade ainda mais fugaz e incerta que iria aparecer nos anos 2000: o “ficar”* (p. 120). O cineasta Domingos Oliveira é citado entre os que aderiram à prática, junto com sua ex-mulher, a roteirista Lenita, tendo sido casados por dez anos.

O cineasta Leon Hirszman volta a ser citado no texto em que Zuenir Ventura comenta sobre a AIDS, tendo sido uma das vítimas desse mal. Para Zuenir Ventura, *Leon foi o cineasta que pensou de forma mais sistemática as questões políticas de seu ofício* (p. 130), mencionando os filmes: *Pedreira de São Diogo*, *São Bernardo* e *Eles não usam black-tie*; e a trilogia *Imagens do inconsciente*. Nesse texto, Zuenir Ventura faz uma concisa comparação entre Leon e Glauber ao afirmar que:

Os dois, muito amigos, se completavam. Ao contrário de Glauber, um agitador, Leon era um aglutinador. O diretor de *Deus e o diabo na terra do sol* gostava da ruptura; o de *São Bernardo*, da solda. Talvez por isso eles nunca tivessem brigado. Leon morreu seis anos depois do amigo.



RELICI

Em outra seção – *Notícias de uma guerra civil* –, composta por quatro textos – *Não por falta de aviso, Na república do pó, Um bandido dividido e O impossível, possível* –, Zuenir Ventura relata, inicialmente, sobre a questão da violência na cidade do Rio de Janeiro ao longo dos anos 80, quase uma guerra civil. E, ao final da década de 90, o jornalista comenta o envolvimento do cineasta João Moreira Salles e o então chefe do tráfico no morro Dona Marta, Márcio VP, que ficara famoso com o episódio da autorização que o cineasta Spike Lee lhe solicitou, ao invés das autoridades, para gravar um clipe de Michael Jackson naquela comunidade.

João Moreira Salles teve os primeiros contatos com Márcio VP quando filmou, em parceria com Kátia Lund, *Notícias de uma guerra particular*, documentário sobre a violência no Rio de Janeiro. Além de uma entrevista com o traficante que estava foragido em Belo Horizonte, segundo Zuenir Ventura, o cineasta desejava que Márcio VP lhe autorizasse o acesso à região. Desse primeiro contato, desenvolveu-se uma amizade entre os dois que teve momentos felizes e infelizes. Por um lado, durante um ano, o cineasta ofereceu um curso para jovens do morro Dona Marta, com encontros diários das 9 às 10 da noite, enquanto filmava o documentário. Segundo Zuenir Ventura, após as aulas, o cineasta e o traficante ficavam conversando. Nesse convívio, o cineasta desenvolveu um entendimento de que a trajetória do traficante fora fruto de um contexto e não de escolha, como este trecho da fala de João Moreira Salles indica:

Com um ano de convívio, a não ser que eu seja um ingênuo absoluto e ele tenha me enganado o tempo todo, concluí que ele não era um monstro. Não sentia prazer na crueldade, não tinha patologias evidentes. Sua vocação era dar certo na vida, se o país fosse outro e o mal não se apresentasse como alternativa tão cedo e com tanta insistência (p. 207).

Por outro lado, um aspecto infeliz desse envolvimento foi a exploração política do fato de o cineasta ter visitado o traficante na prisão em várias ocasiões, ter recebido cartas frequentes do mesmo, e, por um curto período de quatro meses, ter ajudado



RELICI

financeiramente o traficante quando este se ausentou do Brasil ao comunicar *João que tinha decidido mudar de vida e subir a América Latina em direção a Chiapas* (p. 208-209). Estes fatos foram inicialmente divulgados na imprensa e usados pelo então governador para ganhar popularidade.

Finalmente, no texto *Os comandantes de Cuba*, Zuenir Ventura cita o escritor José Rubem Fonseca, que segundo ele, não gosta de aparecer ou dar entrevistas. No entanto, o jornalista teve acesso à gravação de um encontro em que Rubem Fonseca participou em Paris, feita por um terceiro. Este, que insistia com o escritor por uma entrevista, acabou sendo autorizado a gravar o que o escritor disse no encontro que teve a participação de Cacá Diegues e João Ubaldo Ribeiro. Entre as afirmações do escritor que foram gravadas, surge uma citação de diálogo deste com o cineasta Arnaldo Jabor:

_ Sou um cinéfilo que foi condenado a escrever. Uma vez, Arnaldo Jabor me disse: “eu queria ser um romancista”. E eu: “Vamos trocar? O que eu queria era ser cineasta” (p. 226).

Ao longo do livro de memórias do jornalista, foram mencionados 11 cineastas e 18 filmes realizados por eles. É claro que as memórias de Zuenir Ventura tratam de muitos outros assuntos da vida cultural e política no Brasil entre 1950 e 2005. Todavia, ao encontrar estas referências a cineastas e filmes brasileiros desse período histórico, o livro nos ajuda a conhecer histórias de cineastas e do cinema brasileiro na escrita precisa e cativante de Zuenir Ventura. O livro merece ser lido e, ao mencionar estes cineastas e parte de seus filmes, pode servir como um guia cinematográfico do bom cinema feito no Brasil entre 1959 e 1999.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, JOAQUIM PEDRO DE *Couro de gato, episódio de Cinco vezes favela*, 1962.



RELICI

- ANDRADE, JOAQUIM PEDRO DE *Macunaíma*, 1969.
- ANDRADE, JOAQUIM PEDRO DE *O mestre de Apipucos*, 1959.
- ANDRADE, JOAQUIM PEDRO DE *O padre e a moça*, 1966
- ANDRADE, JOAQUIM PEDRO DE *O poeta do Castelo*, 1959.
- ANDRADE, JOAQUIM PEDRO DE *Os inconfidentes*, 1972.
- DIEGUES, CACÁ *Ganga zumba*, 1963.
- GATTI, JOSÉ Glauber vive. **Revista Livre de Cinema**, v.2, n. 3, p. 2-3, 2015.
- HIRSZMAN, LEON *Eles não usam black-tie*, 1981.
- HIRSZMAN, LEON *Imagens do inconsciente*, 1987.
- HIRSZMAN, LEON *Pedreira de São Diogo, episódio de Cinco vezes favela*, 1962.
- HIRSZMAN, LEON *São Bernardo*, 1972.
- LIMA JR, WALTER *A ostra e o vento*, 1997.
- LIMA JR, WALTER *Menino de engenho*, 1965.
- ROCHA, GLAUBER *Deus e o diabo na terra do sol*, 1964.
- ROCHA, GLAUBER *Di Cavalcanti*, 1997.
- ROCHA, GLAUBER *Terra em transe*, 1967.
- SALLES, JOÃO MOREIRA; LUND, KÁTIA *Notícias de uma guerra particular*, 1999
- SANTOS, NELSON PEREIRA DOS *Vidas secas*, 1963.
- VENTURA, ZUENIR **Minhas histórias dos outros**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2005, 270p.